

Caem as vendas de carros

A indústria automobilística segue apresentando queda nas vendas do mercado interno, situação que a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) teme ver agravada com o reajuste a vigorar a partir do próximo dia 10, com índices em torno de 40%. O que levará o preço do Chevette simples — carro mais barato do mercado — a cerca de Cz\$ 286 mil, com os 15% do empréstimo compulsório.

O setor já vinha desde o início do ano em estado de alerta com a diminuição das vendas internas. Em maio, as montadoras venderam 52.395 veículos, 9,8% a menos do volume (58.103) comercializado em abril. No acumulado dos cinco primeiros meses do ano, a queda é de 36,8% (241.632 unidades vendidas) em relação a igual período do ano anterior, quando foram negociados 382.182 veículos. Em contrapartida, as exportações alcançaram o volume de US\$ 242 milhões, o mais alto valor registrado na história do setor. O maior número atingido anteriormente tinha sido de US\$ 213 milhões, em dezembro de 85.

O Monza, da General Motors — que havia perdido a liderança no mês passado para o Escort, da Ford —, voltou à posição entre os modelos mais vendidos no mercado interno em maio, quando teve comercializadas 4.975 unidades, contra 4.884 do Escort. Em 3º ficou o Chevette, também da GM (4.526 veículos).

Com base no balanço divulgado ontem, o presidente da Anfavea, André Beer, qualifica a situação de "crítica", e revela que a diminuição do empréstimo compulsório não surtiu efeitos positivos. Segundo ele, as vendas internas deste ano, num quadro bem otimista, deverão ficar em torno de 650 mil unidades, o que significa uma queda de 25% em relação ao ano anterior, quando foram comercializados 866.728 veículos.

Beer ressalta o fato de que a queda na comercialização dos cinco primeiros meses de 87 é igual a apresentada em todo o ano de 1981, em plena recessão econômica, e

atribui tal situação à elevada carga tributária imputada aos automóveis (só de IPI, 73%). Lembrou ainda que o atraente mercado financeiro está desviando os investimentos do consumidor.

A expectativa da Anfavea é de que o governo cumpra o protocolo de intenções assinado em março com as montadoras, e segundo o qual haveria uma redução gradativa do IPI (imposto sobre produto industrializado) a cada dois meses. "A idéia era que em quinze meses o IPI retornasse aos patamares de antes, em torno de 28%", explicou Beer. "Mas a primeira redução, que deveria ter sido feita em abril, não aconteceu."

O presidente da Anfavea disse ainda que a indústria continua operando com cerca de 40% de ociosidade, e que os pátios das montadoras já apresentam aproximadamente 10 mil carros incompletos.

A carta da Anfavea distribuída ontem diagnostica também os reflexos da atual situação da indústria automobilística, que já começa a surgir em setores de ponta. Um exemplo citado foi o anúncio feito há alguns dias pelo Consider (órgão que acompanha o setor siderúrgico) de que haverá no País, este ano, sobra de um milhão de toneladas de laminados planos. "Este é um forte indício do que poderá acontecer, em breve, caso nada seja feito para conter a queda nas vendas da indústria automobilística", alerta o documento.

O nível de emprego, que também está caindo mês a mês na indústria automobilística, é outra preocupação tanto das montadoras como do Sindicato dos Trabalhadores. Em maio último, as montadoras empregavam 154.542 pessoas, 1.446 a menos do que em abril. No acumulado dos cinco primeiros meses do ano, segundo o balanço da Anfavea, a indústria automobilística demitiu 4.467 funcionários. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, no entanto, registrou um total de 9 mil demissões até abril, só de empregados com mais de um ano de trabalho.